

Número da fita: 0150

Título: Oficina Memória, História e Patrimônio do Projeto Pontão de Cultura Jongu/Caxambu. São José dos Campos – São Paulo II.

Mídia: Mini DV.

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00: 00	00: 27	Roda com os participantes da oficina.	Senhor de uma comunidade falando – não foi possível saber sobre o que se tratava a história que ele estava contando.			

00: 28	04: 15	Martha Abreu.	Fala sobre a profissão do historiador e suas escolhas no momento de contar uma história e a valorização de determinados aspectos em detrimento de outros, feito pelo historiador (que é também uma ação política). Compara isso com o que os participantes da oficina fizeram ao escolher as imagens na mesa. História e memória feita de escolhas. Depois explica o que nós historiadores pretendemos com esta oficina.			
04: 16	04: 47	Wilson.	Comenta porque acha que o jongo não está em nenhum livro didático. Ausência de interesse das pessoas que o escrevem.			

04: 48	06: 29	Outro membro de uma das comunidades (rapaz com aparência de ser muito novo, com um boné para o lado e camisa roxa do Corinthians).	Fala o que a professora dele falou em sala de aula (idéia clássica das 3 raças formadoras do Brasil) e o processo de embranquecimento. Associa esse processo ao de exclusão do negro e da ausência de valorização da cultura negra nos dias de hoje. Faz referencia a uma fala do China em que foi dito que só por causa do branco tem o negro aqui, para depois perguntar: “sem o negro também poderia ter o branco?”		O rapaz parece ser bom!	
--------	--------	--	--	--	-------------------------	--

06: 30	09: 24	Membro das comunidades (rapaz negro de óculos e boné preto – do lado do rapaz com a camisa do Corinthians).	Reproduz a idéia de que o negro foi trazido forçado para o Brasil e a história de Rui Barbosa e a queima de arquivos, com outras referências sobre a história da escravidão, associando isso tudo a dificuldade do negro de ter alguma referência de sua história. Compara hip-hop ao jongo.		Interessante como esta fala e a anterior de uma maneira ou de outra esta em contato com a memória construída pelo movimento negro.	
09: 25	10: 55	Roda com os participantes da oficina.	Martha Abreu pergunta se algum grupo dali tem ponto de jongo sobre o 13 de maio e a resposta é afirmativa. Eles cantam o ponto e Martha Abreu fala alguns sobre o tema que ela conhece.			
10: 56	11: 19	Laudenir.	Ponto muito engraçado sobre a Princesa Izabel: “tem coisa na história que livro não fala não, Princesa Izabel era ‘xonada’ num negão”.			

11: 20	12: 31	Martha Abreu	Martha Abreu retorna a discussão sobre a escrita da história e como a história do negro foi escrita e esta sendo escrita hoje em dia. Os pontos de jongo contam as histórias que não estão nos livros didáticos.			
12: 32	16: 06	Roda com os participantes da oficina.	Senhora de uma das comunidades lembra a importância do tambor/jongo como instrumento de luta e faz referencia a fala do rapaz sobre o branqueamento implementado pelo Estado (senhora que possui nível superior: estudou história no Mato Grosso).			

16: 07	18: 07	Martha Abreu.	Fala sobre a idéia de que os intelectuais afirmaram um dia que o jongo um dia ia acabar e o que tinha do africano no Brasil iria desaparecer. A idéia é de que ficou silenciado, mas não que acabaria. E hoje a memória reaparece e se deve pensar porque ela reaparece agora. Martha pergunta para os grupos porque eles acham que hoje a memória do jongo esta aparecendo.			
--------	--------	---------------	--	--	--	--

18: 08	23: 05	André (Guaratinguetá).	Fala sobre os acervos existentes hoje em dia e os livros que estão saindo sobre o jongo que serão muito importantes para transformar essa ausência de informação existente nas escolas. E que é importante estar sempre memorizando e passando para os outros o que você sabe sobre o jongo.			
23: 06	23: 32	Martha Abreu.	Repete a pergunta: porque eles acham que essa memória do jongo esta sendo reconstruída e contada agora.			

23: 33	26: 22	André (Guaratinguetá).	Fala que antigamente o jongo não tinha a visibilidade que possui hoje e que pessoas estão querendo se organizar e ter projetos dentro das suas comunidades para mostrar que eles também têm cultura e são ‘certinhos’ (palavra usada pelo André). “Jongueiro agora está sabendo se organizar” e isso faz com que as pessoas enxerguem o jongo e os praticantes do jongo com outros olhos.			
26: 23	26: 57	Wilson.	Fala sobre um projeto que está realizando: o jongo virar matéria escolar nas escolas do seu bairro em Guaratinguetá e depois se estender para as outras escolas municipais.			

26: 58	28: 30	Aline.	Concorda com a fala do André. O jongo esta mais em visibilidade porque as comunidades e os grupos estão trabalhando para isso. “Importante reconhecer que a gente conquistou isso”. “Investimento que a gente faz na nossa cultura e isso traz conseqüências”.			
28: 31	28: 49	Wilson.	Fala mais um pouco sobre seu projeto.			
28: 50	29: 05	Roda com os participantes da oficina.	Levantada a questão da política pública e a resposta é que ela existe porque foi cobrada.			
29: 06	29: 28	Martha Abreu.	Faz outra pergunta: porque na época dos avós das comunidades e grupos presentes não foi possível essa organização. “Por que os avós de vocês não se organizaram?”			

29: 29	31: 12	Wilson e outros membros dos jongos de Guaratinguetá.	Responde a pergunta falando sobre as dificuldades que seus avós tinham de leitura e de se comunicar. Criança e mulher não entravam no jongo em Guaratinguetá, o que dificultava a troca.			
31: 13	35: 04	Laudenir.	Associa o avanço do jongo com a transmissão de uma novela (Sinhá Moça). Fala que foi possível perceber que o jongo estava sendo visto de outra forma. Fala também sobre seu pai, que era jongueiro, e os problemas por que passou. Interessante que ele conta que o pai dele fez várias entrevistas, foram tiradas fotos dele e ele nunca ganhou retorno disso. Hoje já é diferente.		Associar a fala dele sobre o pai com as oficinas de Barra do Piraí, onde também é revelada essa ausência de retorno do pesquisador.	

35: 07	36: 14	Membro das comunidades (rapaz negro de brinco e cordão, do lado direito do rapaz de camisa do Corinthians).	Tira conclusões da fala anterior. Para ele, as pessoas antigas tentavam se organizar, mas eram constantemente boicotadas e iam se desanimando. A diferença é que agora é possível ver o retorno.			
36: 15	37: 05	Membro da comunidade de Piquete Wesley.	Faz perguntas em cima da questão da novela levantada anteriormente. Boas perguntas! Por que só agora? Por que a novela resolveu passar jongo só agora e nunca tinha passado antes? E outras...			
37: 06	37: 53	Laudenir.	Inicia sua resposta assim: “Isso depende muito de lei que nem agora, rapaz”. Dá o exemplo da atuação de Gilberto Gil como Ministro da Cultura.			

37: 54	38: 36	André (Guaratinguetá).	Fala importante. Lembra aos participantes da oficina que antes mesmo de passar a novela já tinha encontro de jongueiro e etc, ou seja, os jongueiros já estavam organizados.			
38: 37	40: 07	Meire.	Fala que o grupo dela se apresenta muito nas escolas e que depois do jongo ter aparecido na novela percebeu uma mudança de postura dos alunos em relação às apresentações. Levanta a importância da mídia.			

40: 08	41: 47	Aline.	<p>Levanta a idéia de uma articulação maior, falando que o Gilberto Gil só esteve lá porque a nação elegeu um presidente que convidou um negro, músico para ocupar o cargo de Ministro da Cultura. Defende a necessidade de perceber que é um movimento muito amplo e que é importante pensar na força que a ‘nossa decisão’ tem – a importância do voto e como isso reflete na vida. “Tudo é a partir das nossas decisões.”</p>			
--------	--------	--------	--	--	--	--

41: 48	43: 03	Martha Abreu.	<p>Puxa a fala anterior para o que será visto no dia seguinte da oficina: a relação entre a organização dos jongueiros e as transformações mais amplas, do Estado e das diversas manifestações culturais presentes no Brasil que começam a se politizar. Para Martha: a politização atual é que propicia essa visibilidade que os avós dos jongueiros atuais não conseguiram obter.</p>			
43: 04	48: 19	Xina.	<p>Associa essa politização e essas transformações maiores com a eleição de Serra para governador de São Paulo e como ele embargou muita das transformações que estavam ocorrendo em Guaratinguetá. Depois elogia a atuação da Aline.</p>			

48: 20	49: 06	Aline.	Agradece os elogios recebidos e fala que agora esta retornando o que os mais velhos fizeram por ela.			
49: 07	57: 22	Xina.	Conta algumas das experiências que o jongo lhe propiciou. Canta alguns pontos interessantes.			
57: 23	57: 50	Martha Abreu.	Fala que a programação era de passar 20 minutos do 'Memórias do Cativeiro', mas devido a hora pergunta se as pessoas ainda estão com pique para isso.			
57: 51	58: 12	Idem.	Aline faz uma proposta: parar a oficina 10:30 hr. por causa do transporte.			
58: 13	59: 29	Aline.	Informes de produção.			
59: 30	59: 49	Martha Abreu.	Fala sobre o que será discutido na oficina do dia seguinte.			
59: 50	01: 00: 32	Roda com os participantes da oficina.	Cantam um ponto de jongo para fechar o dia.			

Legenda dos temas:

Jongo – JO

Calango – CA

Folia de Reis – FR

Memória do tráfico – MT

Memória da África – MA

Campesinato Negro – CN

Quilombo – QL

Memória da escravidão – ME

Fazendas – FA